

Alessandra Perrinchelli Bucholdz  
Diego Antonelli  
Jefferson Luiz Schneider Dittrich



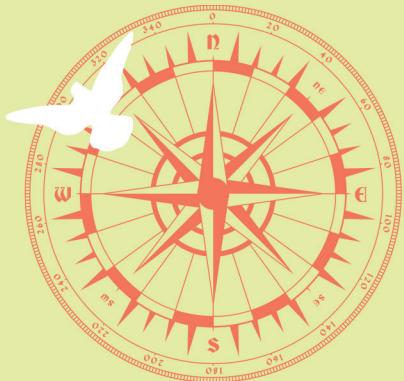
# VINDAS

Memórias da Imigração

VOL. 2



Medida de  
acessibilidade:  
**QR Code**  
com audiolivro



---

# VINDAS

Memórias da Imigração

VOL. 2

©Alessandra Perrinchelli Bucholdz

**Autores**

Alessandra Perrinchelli Bucholdz  
Diego Antonelli  
Jefferson Luiz Schneider Dittrich

**Coordenação Editorial**

ABC Projetos/Alessandra Perrinchelli Bucholdz

**Revisão**

Vanessa Saboia Zappia

**Produção Gráfica**

ABC Projetos/Élio Chaves/Dyego Marçal

**Ilustrações e infográficos**

Élio Chaves

**Pesquisa**

ABC Projetos

**Assistentes**

Arte Telúrica/ Luiz Maurício Bucholdz/ Newton Schner

**Fotografias**

Celso Margraf, Andreza Kruk, Diego Antonelli, Jefferson Luiz Schneider Dittrich, Alumme, Acervo das famílias

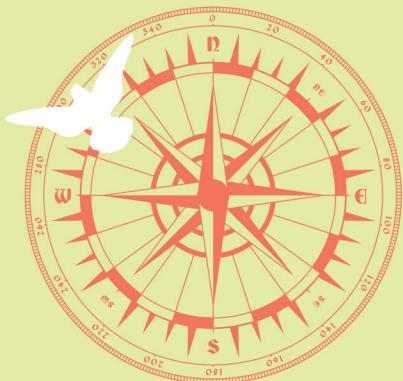
B921      Bucholdz, Alessandra Perrinchelli  
Vindas: memórias da imigração/ Alessandra Perrinchelli  
Bucholdz; Diego Antonelli; Jefferson Luiz Schneider Dittrich.  
Ponta Grossa : ABC Projetos, 2021.  
152 p. : il. v.2

ISBN: 978-65-86870-16-9

1. Imigração - memórias. 2. Imigrantes. 3. Arabes. 4.  
Italianos. 5. Alemãos. 6. Ucranianos. 7. Poloneses. 8.  
Espanhóis . I. Antonelli, Diego. II. Dittrich, Jefferson Luiz  
Schneider. III. T.

CDD: 981.62

ALESSANDRA PERRINCHELLI BUCHOLDZ  
DIEGO ANTONELLI  
JEFFERSON LUIZ SCHNEIDER DITTRICH



---

# VINDAS

## Memórias da Imigração

VOL. 2



PATROCÍNIO



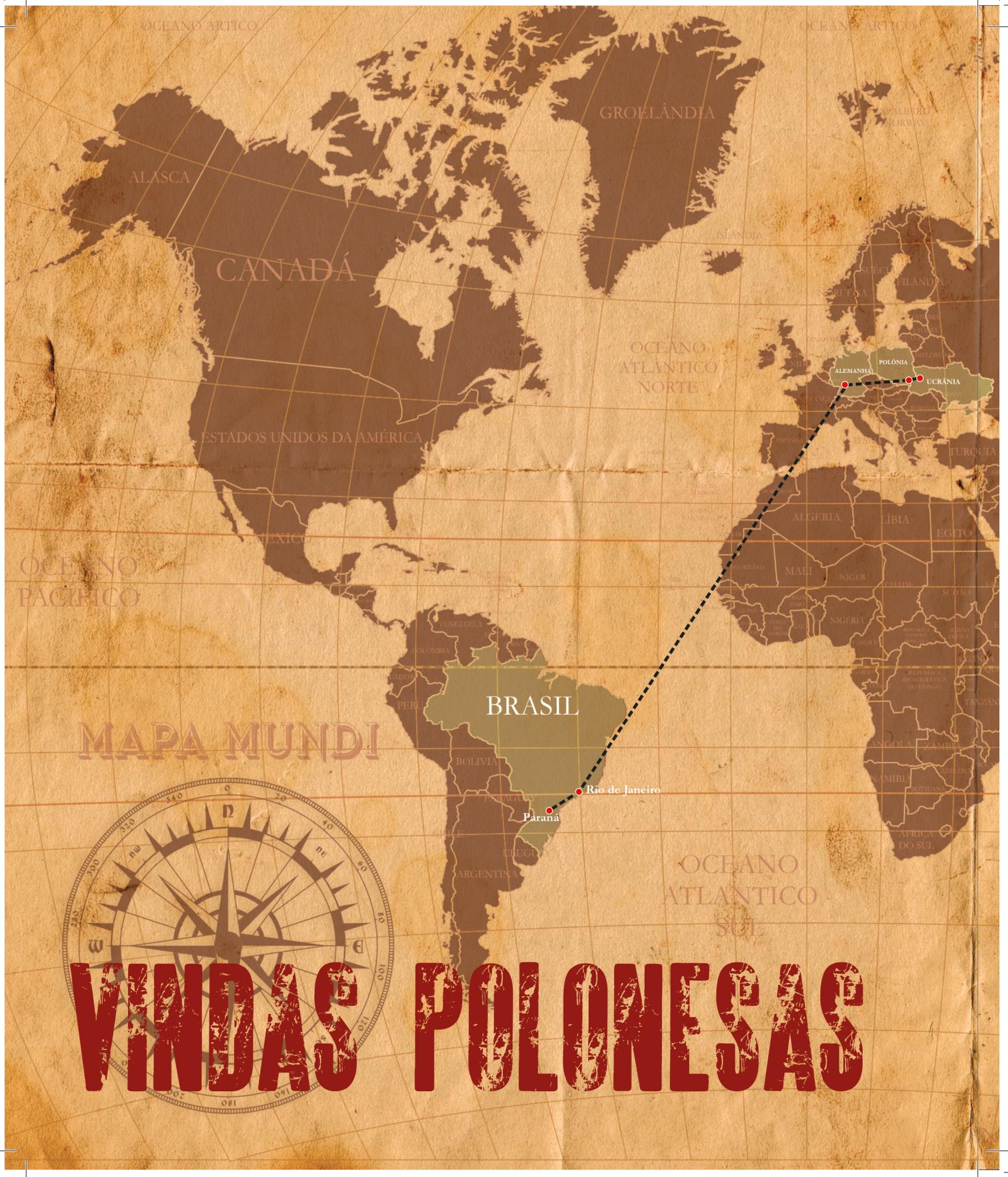
REALIZAÇÃO



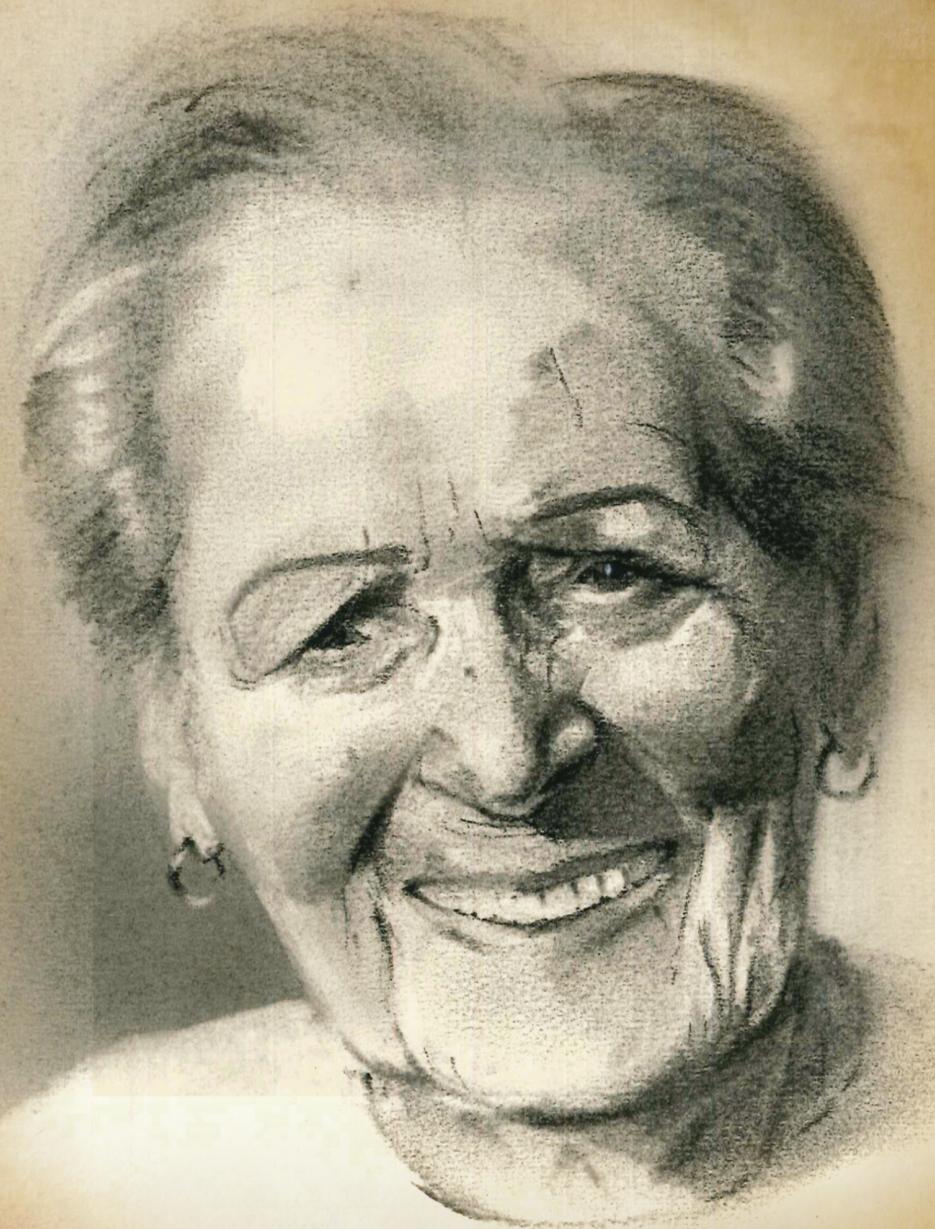
SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO











# VINDAS

Memórias da Imigração

## ZOFIA BRZEGOWY

Era o ano de 1941. Zofia Choma, com 17 anos, avisa a mãe que vai se esconder e deixa às pressas a fazenda da família em Ulucz, vilarejo às margens do rio San, no distrito administrativo de Gmina Dydnia, no condado de Brzozów, no sudeste da Polônia. A decisão foi tomada tão logo recebeu uma carta do exército alemão convocando-a a seguir com os soldados para a Alemanha, onde deveria trabalhar nas fábricas daquele país. Como os homens estavam todos envolvidos na Guerra, faltava mão de obra na Alemanha e, com isso, ao invadir os países vizinhos os soldados recrutavam pessoas para acompanhá-los.

Enquanto as amigas decidiram seguir para a Alemanha sem resistência, Zofia, que teve o pai, Phellip Choma, capturado pelo exército russo e levado à Sibéria e os irmãos Vacio, Miro e Pedro presos pelos exércitos russo e polonês, não queria deixar a mãe Maria e a irmã Stefania.

Apesar de localizado em terras polonesas, Ulucz era um vilarejo formado por cerca de 2040 habitantes, sendo 1620 de origem ucraniana e o restante da população formada por judeus, poloneses e rutenos. Com isso, paralelamente à II Guerra Mundial, a localidade também era palco de conflitos internos, sendo atacada tanto pelos russos, como pelos alemães e pelos próprios poloneses. Zofia foi criada em Ulucz, apesar de ter nascido em L'viv, hoje território ucraniano.

Naquele momento as investidas alemãs mais acirradas e violentas eram contra os judeus. Enquanto as outras etnias tinham a atividade econômica mais voltada à agricultura, os judeus prevaleciam no comércio do vilarejo. Desesperados, tentavam fugir a qualquer custo dos alemães. Ao serem capturados eram levados aos campos de concentração de onde sabiam que dificilmente sairiam vivos.

Uma semana após deixar a fazenda e se esconder na casa da madrinha, Zofia resolveu retornar junto à mãe e à irmã, prevendo que os soldados alemães já tivessem deixado o vilarejo. Ao entrar em casa, porém, percebeu que eles estavam de tocaia. Foi permitido à jovem apenas pegar uma mala com roupas e se despedir.

Centenas de jovens de toda Polônia embarcaram no mesmo dia e nas mesmas condições. No meio do tumulto, Zofia localizou as amigas Maria e Ana, também do vilarejo de Ulucz, permanecendo as três unidas. A viagem teve início em vagões de carga. Em meio ao feno no chão só se ouvia choro e os gritos de desespero das moças e rapazes que deixavam suas casas e seguiam para o centro da guerra, sem saber o que os esperava.

Após uma parada, o grupo foi encaminhado para um trem de passageiros, de onde prosseguiria a viagem. Durante o percurso, com o trem em movimento, era possível ver jovens em desespero saltando pelas janelas sem medir as consequências. A longa viagem seguiu ao som dos prantos e do temor em relação ao que poderia acontecer daquele momento em diante.

Já na Alemanha os poloneses foram levados ao que parecia um hospital. As mulheres foram separadas e levadas a uma grande sala onde foram obrigadas a se despir. Elas passaram pela triagem dos alemães, sob imenso medo e constrangimento. Eles observavam se as pessoas tinham algum tipo de doença que parecesse contagiosa ou piolhos. Depois disso, seguiam seus destinos.

Zofia, Maria e Ana permaneceram unidas. As três foram conduzidas a um grande alojamento de paredes de madeira, onde havia várias camas e só mulheres. Lá elas encontraram Olga, que também era uma amiga da Polônia. Cada uma recebeu um cobertor. Ao lado do alojamento havia um presídio destinado aos desertores alemães.

Nos dias seguintes elas foram conduzidas para seus postos de trabalho. Sob a escolta de soldados alemães, as três amigas iniciaram a rotina de seguir por um longo percurso a pé até chegar a um grande cruzamento ferroviário, onde observaram uma intensa movimentação de trens, chamando a atenção pelas expressivas cargas de vinho.

Zofia, Maria, Ana e Olga receberam estopas e solventes e deveriam passar o dia limpan-  
do as rodas dos trens. Vez ou outra também deveriam quebrar pedras e socá-las por baixo dos trilhos. Quando terminavam o expediente, completamente sujas, com as mãos maltratadas pelo solvente e exaustas, eram conduzidas novamente para o alojamento, onde recebiam o alimento, faziam a higiene e descansariam para recomeçar os trabalhos no dia seguinte.

Entre o grupo que dividia o alojamento havia duas judias, que tentavam se passar por polonesas, com a ajuda das colegas de quarto, para que não fossem levadas ao campo de concentração, sofrendo dos mesmos flagelos que seu povo. Um dia, porém, soldados alemães foram até o alojamento e começaram a fazer inúmeras perguntas ao grupo. Ao constatarem que as duas eram as únicas que sabiam falar alemão, os soldados deduziram que se tratavam de judias. As moças foram levadas e nunca mais foram vistas.

A rotina nos trilhos de trem, sem nenhuma folga ao longo da semana, seguiu por um bom tempo. Um dia, Zofia e Maria foram escolhidas pelos soldados, que lhes disseram que a partir daquele momento trocariam de função: passariam a ajudar na limpeza do escritório do comando da rede ferroviária. Embora o trabalho também fosse cansativo, exigia menos esforço físico em relação ao que elas realizavam até então.

Em certa ocasião, Zofia limpava a sala onde permanecia o responsável pela ferrovia, quando o mesmo se levantou para atender ao telefone. Ela aproveitou a ocasião para tirar a cadeira, varrer e passar o pano embaixo da mesa. O alemão, no entanto, desligou o telefone e foi sentar-se, sem perceber que a cadeira fora tirada do lugar. Estatelou-se no chão. Enfurecido, esbravejava contra Zofia. A moça temeu pela própria vida. As agressões, no entanto, restringiram-se ao campo psicológico em função dos gritos. No dia seguinte, ela continuou limpando o escritório.

Apesar de todo o controle alemão, era permitido às mulheres trocar cartas com as famílias. Foi através das cartas trocadas com a mãe, que Zofia soube que a situação em Ulucz estava tensa. Em meio ao caos da II Guerra, os poloneses também intensificaram os ataques à aldeia, com a intenção de que a localidade, então conhecida como “Pequena Polônia”, fosse habitada por poloneses e as pessoas originárias de outras etnias que ali se encontravam migrassem para outras regiões da Polônia ou fossem embora do país, não permitindo mais a concentração de grupos étnicos.

Com o avanço da guerra e a entrada dos Estados Unidos no conflito, a Alemanha começou a sofrer bombardeios. Ao detectar uma aeronave nas proximidades, já se podia ouvir o soar da sirene de alerta e todos deveriam correr para o bunker mais perto. No caso delas, era necessário atravessar a linha férrea até chegar ao abrigo.

A corrida para se proteger causava tumultos e aglomerações. Muitas vezes os bombardeios não se concretizavam e pouco tempo depois tudo voltava ao normal no trabalho. Numa tarde o alarme soou e começou a correria. Maria, no entanto, não quis se refugiar no bunker. Disse à Zofia que não haveria bombardeio e não aguentava mais aquela correria. Zofia não quis deixar a amiga sozinha e resolveu ficar. Sempre que ficava muito nervosa, Maria desmaiava.

As duas seguiram para o alojamento, mas poucos minutos depois começaram a ouvir as bombas caindo. Sem proteção, elas viam e ouviam os prédios próximos sendo atingidos. Com medo e expostas ao perigo, decidiram deixar o alojamento e seguir correndo até o bunker, em meio ao bombardeio. O medo naquele dia foi aterrorizante, mas conseguiram chegar sãs e salvas até o abrigo subterrâneo. Zofia muitas vezes teve que puxar Maria, que ameaçava desmaiar. Depois de finalizado o bombardeio, retornaram ao alojamento e constataram que o mesmo não chegou a ser atingido.

O avanço das tropas aliadas também repercutia na estratégia alemã. Com isso, retiravam os imigrantes em trabalho forçado das regiões de fronteira. Ao longo da II Guerra Mundial era comum que Zofia e as amigas tivessem que arrumar as malas e seguir para outras cidades, mudando de atividade. Antes de deixar as regiões que estavam, porém, eram realizados verdadeiros mutirões, onde se via a presença de imigrantes de diversas nacionalidades, escavando e fazendo valas para construção de trincheiras na tentativa de conter o avanço dos aliados por terra.

Em Augsburgo, Zofia e Maria foram levadas a trabalhar numa fábrica de batatas. O trabalho consistia em colocar as batatas numa máquina, onde eram descascadas. Depois, deveria ser feita a limpeza manual do tubérculo, antes de colocá-lo na máquina de corte. As batatas ainda eram pré-

-assadas antes de embaladas. Nessa época o alojamento ficava no andar de cima de uma fábrica de marmelada, não muito distante de onde trabalhavam.

Embora a vigilância dos soldados alemães permanecesse e não houvesse notícias claras sobre o conflito, era possível perceber pela movimentação local e pela constante migração e recuo dentro da Alemanha, que o exército de Hitler perdia forças. Os bombardeios também se tornaram mais intensos.

No último bombardeio que Zofia se recorda, do bunker era possível ouvir o caos se instalando na Alemanha e as bombas destruindo as principais construções do país. Com o cessar fogo se observou muita destruição. Uma das bombas atingiu a rede de esgoto vizinha à fábrica de marmelada. Com isso, no lugar da fábrica e do alojamento só restaram destroços. Roupas, documentos, as cartas trocadas com a mãe... Tudo foi perdido.

Com a vitória dos aliados, a II Guerra Mundial chegou ao fim. Prisioneiros de guerra começaram a comemorar a liberdade. Em pouco tempo, as ruas estavam ocupadas por poloneses, italianos, japoneses, enfim, povos das mais variadas etnias que foram subjugados pelo exército de Hitler.

A alegria com a liberdade rapidamente, porém, foi convertida em nova onda de pavor. Os espaços urbanos se tornaram terra de ninguém e palco de selvageria. Os ex-prisioneiros começaram a brigar entre si, promovendo espetáculos de horror nas ruas. Homens falando as mais variadas línguas começaram a perseguir mulheres, que não tinham mais alojamentos próprios e nem para onde ir. Era cada um por si.

Zofia e Maria fugiram para a área rural da Alemanha, aonde chegaram a uma propriedade e pediram refúgio e abrigo. Foram acolhidas por uma família alemã e permaneceram lá até que os norte-americanos começassem a organizar a situação, diante do caos que estava sendo vivido. Elas só deixaram a propriedade e partiram para o quartel em Landstuhl quando os norte-americanos assumiram o comando da situação e começaram a auxiliar no processo para que os imigrantes deixassem a Alemanha. No quartel, já se sentindo mais seguras, elas receberam roupas e cobertores e foram encaminhadas para o alojamento feminino. A partir de rígidas regras, os homens não deveriam mais ficar misturados às mulheres.

Com a desordem instalada em toda a Europa, os retornos para casa não foram imediatos. As comunicações estavam difíceis e muitos países estavam parcialmente destruídos, vivendo conflitos internos e faltando, inclusive, alimento para a população. Com isso, muita gente não tinha para onde voltar. Por outro lado, estavam sendo mapeados países que aceitavam receber imigrantes.

No quartel de Landstuhl, ocupado na sua maioria por poloneses, uma águia branca de asas abertas, símbolo da Polônia, foi pintada no pátio. Foi lá que Zofia conheceu Stephan e Maria foi apresentada a Adam. Em pouco tempo começaram a namorar. Stephan e Adam era poloneses e, como elas, haviam sido tirados de casa pelos alemães e levados para trabalhar em minas de carvão na divisa com a França.

## Memórias da Imigração

Vários casais formados ainda na Alemanha resolveram oficializar a união para deixarem o país, pois sabiam que uma vez afastados dificilmente se encontrariam novamente. Além do mais, quando a decisão era imigrar para outro país, pessoas casadas e com filhos muitas vezes tinham prioridade.

Zofia e Stephan e Maria e Adam logo decidiram se casar. O casamento aconteceu no mesmo dia e foi celebrado por um padre polonês, que foi a Landstuhl. Ela passou a se chamar Zofia Brzegowy. Apesar da união, tanto no civil, como no religioso, as mulheres continuavam no alojamento feminino e os homens, no masculino. Não podiam morar juntos.

Pouco tempo depois, Zofia estava grávida. As fraldas e cueiros foram feitos com lençóis do alojamento. Stephan, que começou a ganhar um pequeno salário para ajudar na cozinha, onde eram produzidas as refeições coletivas, conseguiu comprar algumas poucas peças de roupa e um carrinho. Maria (nome dado em homenagem à mãe e à amiga) nasceu em setembro de 1948, ainda na Alemanha.

Quem queria voltar para casa já tentava entrar em contato com a família. Zofia havia escrito uma carta para mãe e aguardava uma resposta para voltar à Polônia. A carta de retorno demorou a chegar e não foi nada animadora. A mãe relatou o massacre do governo Polonês em Ulucz. A propriedade da família foi incendiada e ela e a filha Stefania não tinham sequer mais casa. Haviam sido conduzidas pelo governo Polonês para uma cidade ao sul da Polônia, mas sem qualquer segurança e expectativa do que aconteceria com elas. Diante disso, recomendou à filha que procurasse outro país, onde o caos fosse menor. Sugeriu a ida dela para os Estados Unidos, onde uma tia, de nome Catarina, havia se mudado já há alguns anos.

O casal de amigos Maria e Adam decidiu seguir para o Brasil, deixando a Alemanha um ano antes que Zofia e Stephan. Olga foi para os Estados Unidos e Ana voltou para a Polônia. Eles também decidiram seguir para os Estados Unidos, como sugeriu a mãe de Zofia. Para emitir o visto, no entanto, o governo norte-americano exigia que houvesse um vínculo com alguém que já morasse lá e aceitasse receber a família, até que a mesma conseguisse trabalho e condições de se manter. Zofia indicou a tia Catarina. A resposta para imigração do casal para os Estados Unidos veio tempos depois, com uma negativa. A tia não havia aceitado recebê-los.

Ainda vivendo o dilema para onde ir e vendo a Europa inteira em crise foi Stephan quem propôs a vinda para o Brasil. Os comentários entre o grupo de poloneses sobre o Brasil não eram os mais animadores. Diziam que havia muitas cobras no Brasil e bichos que entravam nos pés das pessoas. Stephan, porém, tinha um argumento mais convincente: “lá pelo menos estaremos distantes das guerras”.

Zofia e Stephan, ambos com 24 anos, e Maria, com pouco um ano e três meses, embarcaram no navio Charlton Sovereign, em dezembro de 1948, rumo ao Brasil. A embarcação era velha e precária. Homens e mulheres ficaram separados no navio. Havia pouca água e a comida era insuficiente para todos os passageiros. Perto de Portugal o navio começou a inclinar gerando pavor e o medo que a viagem terminasse em pleno alto mar. O comandante pediu que todos os

tripulantes fossem para o outro lado do navio, tentando endireitá-lo. Assim, conseguiu que a embarcação ficasse novamente na posição correta e deu continuidade à longa e cansativa viagem.

O desembarque aconteceu na Ilha das Flores, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, onde a família permaneceu por três meses. Nesse alojamento, homens e mulheres continuavam separados. Tudo continuava precário. Os banhos, inclusive da bebê, aconteciam no mar. Foi através dos inúmeros recados e rabiscos deixados pelos imigrantes nas paredes, que Zofia descobriu que os amigos Maria e Adam tinham passado por ali há cerca de um ano e seguiram para o Rio Grande do Sul.

Ofereceram para Stephan a possibilidade de eles seguirem para São Paulo, Rio de Janeiro ou Paraná. A família preferiu o Paraná, em função do clima mais frio, lembrando as referências europeias. No Paraná, eles poderiam escolher seguir para Curitiba ou Ponta Grossa. Decidiram pela capital do Estado, mas na hora do embarque receberam um pouco de dinheiro do governo brasileiro e foram colocados no trem errado.

Ao chegar a Ponta Grossa foram recepcionados em mais um alojamento, que ficava no bairro de Uvaranas. Dessa vez, Stephan deveria procurar um emprego e um abrigo para a família. Era mês de março e estava muito frio.

Sem noção do espaço geográfico e ainda sem saber no que trabalhar, Stephan saiu à deriva, à procura de qualquer coisa que pudesse lhe render um emprego. A língua também era uma grande barreira, já que eles não conseguiam se comunicar com a população local.

Depois de horas de caminhada, Stephan observou um homem pendurado numa escada pintando um ginásio. Esfregou bem os olhos, olhou de novo e se aproximou. Então, soltou um grito.

Era João Mej, um conhecido polonês que chegara à Ponta Grossa tempos antes e já estava trabalhando. O amigo o recebeu com alegria e o levou à uma olaria, localizada no atual bairro Jardim América, em Ponta Grossa. Por intermédio de Mej, Stephan conseguiu trabalho. A esposa do dono da olaria estava doente e Zofia foi trabalhar na sua casa com a pequena Maria.

A empresa construía uma meia-água (pequena casa com um quarto e uma cozinha) para os trabalhadores imigrantes que chegavam e não tinham moradia. Eles também ganhariam a sua, mas até construí-la deveriam dividir a minúscula casa com Mej e sua esposa Ana.

Das histórias contadas sobre o Brasil, o que inicialmente se tornara mais assustador para Zofia foram os insetos. Nuvens de pernilongos invadiam sua casa. A pequena Maria já estava com o corpo cheio de picadas e pegou berne no braço. A alternativa encontrada foi queimar roupas na tentativa desesperada de conter a infestação. Para tirar o berne, Mej e Ana ensinaram que eles deveriam colocar toucinho defumado na pele. Maria ficou alguns dias com o toucinho no braço até que o berne apareceu e conseguiram espremer ao som de muito choro.

O acesso à água era através de um olho d'água distante. Zofia carregava num braço Maria e no outro o balde. Certa vez, ao chegar ao olho d'água ela se deparou com duas cobras. Ela já havia encontrado lagartos, mas cobra foi a primeira vez.

A compra de mantimentos era outro problema. Ainda sem falar português, havia uma grande barreira de comunicação. A sorte foi que na olaria também trabalhava um casal de brasileiros com mais idade, que falava polonês e os auxiliavam. As compras eram feitas nos próprios armazéns de parentes dos donos da olaria. A comida era cozida num fogão a lenha improvisado. Stephan trazia a brasa da olaria para iniciar o fogo.

Stephan foi o primeiro a aprender palavras em Português pela lida diária com as demais pessoas que trabalhavam na olaria. Tempo depois de já estar na sua meia água ouviu que o prefeito João Vargas de Oliveira estava doando terrenos a imigrantes para que construíssem suas casas. Ele e Zofia foram conversar com o prefeito e ganharam um terreno na Vila Burrinho, numa área ainda tomada por mato e pouco povoada.

Novamente com a ajuda dos amigos brasileiros, começaram a comprar madeira para o início da obra. Logo se mudaram para a nova casa, ainda pequena e pouco estruturada, mas já em terreno deles. Lá, nasceu a segunda filha do casal, Vanda.

Cansado do trabalho na olaria, Stephan resolveu pedir demissão assim que conseguiu emprego numa pedreira. Ele colocava explosivos na pedreira, que eram acionados por outros trabalhadores, e depois recolhia as pedras que eram quebradas, uma a uma, em formato regular, para que fossem utilizadas nos calçamentos.

A remuneração tinha como base o volume de pedras quebradas. Desse modo, Zofia deixava Maria, já com sete anos, e Vanda, com três anos, em casa, para ajudar Stephan a quebrar as pedras. Da casa da família era possível ver a pedreira.

Certa vez, porém, um amigo deveria colocar os explosivos, mas pediu para Stephan que os colocasse em seu lugar. Antes que o imigrante polonês deixasse o local, gritaram fogo e detonaram os explosivos. Não houve tempo de Stephan fugir.

Zofia, que tinha acabado de descobrir que estava grávida novamente, ficou viúva. Ainda sem falar português, com duas crianças pequenas e grávida do terceiro filho, precisou procurar emprego para sustentar a família e criar as crianças. O bebê era um menino e recebeu o nome de Stephan, como o pai. Inicialmente, Zofia trabalhou como diarista na própria casa dos donos da pedreira, onde permaneceu até 1961. Depois, conseguiu emprego num frigorífico, onde trabalhou até se aposentar, em 1985.

Zofia tem hoje 97 anos e de forma lúcida ainda lembra detalhes da sua saga. Apesar das dificuldades ao longo da vida, nunca se deixou abater e é referência de força, resiliência e coragem para toda a família.

Por Alessandra Perrinchelli Bucholdz

## ZOFIA BRZEGOWY

Był rok 1941. 17-letnia Zofia Choma mówi matce, że się ukryje i pośpiesznie opuszcza rodzinne gospodarstwo rolne w Uluczu, wsi nad brzegiem Sanu, w gminie Dydnia, w powiecie brzozowskim, w południowo-wschodniej Polsce. Decyzję podjęła, gdy tylko otrzymała pismo z armii niemieckiej wzywające ją do wyjazdu z żołnierzami do Niemiec, gdzie miała pracować w tamtejszych fabrykach. Ponieważ wszyscy mężczyźni byli zaangażowani w wojnę, w Niemczech brakowało siły roboczej, w wyniku czego podczas najazdów na sąsiednie kraje żołnierze rekrutowali ludzi, aby im towarzyszyli.

Podczas, gdy znajomi postanowili bez oporu wyjechać do Niemiec, Zofia, która miała ojca Phellipa Chomę schwytanego przez wojska rosyjskie i wywiezionego na Syberię, a braci Vacio, Miro i Pedro unieważnionych przez wojska rosyjskie i polskie, nie chciała zostawić matki Marii i siostry Stefanii.

Mimo położenia na ziemiach polskich, Ulucz był wsią posiadającą około 2040 mieszkańców, z czego 1620 było pochodzenia ukraińskiego, a pozostałą część stanowili Żydzi, Polacy i Rusini. Tym samym, równolegle do II wojny światowej, miejscowości była także areną wewnętrznych konfliktów, atakowaną zarówno przez Rosjan, Niemców, jak i samych Polaków. Zofia wychowała się w Uluczu, mimo że urodziła się we Lwowie, obecnie na terenie Ukrainy.

W tym czasie najbardziej zaciekle i najwałtowniejsze ataki niemieckie dotyczyły Żydów. Podczas, gdy inne grupy etniczne prowadziły działalność gospodarczą bardziej nastawioną na rolnictwo, Żydzi dominowali w wiejskim handlu. Zdesperowani próbowali za wszelką cenę uciec przed Niemcami. Po schwytaniu zabierano ich do obozów koncentracyjnych, skąd wiedzieli, że praktycznie nie mają szans wyjść żywi.

Tydzień po opuszczeniu gospodarstwa i ukryciu się w domu chrzestnej Zofia postanowiła wrócić do matki i siostry, myśląc, że niemieccy żołnierze opuścili już wioskę. Jednak po wejściu do domu zorientowała się, że to zasadzka. Młodej kobiecie pozwolono tylko zabrać walizkę z ubraniami i pożegnać się.

Setki młodych ludzi z całej Polski wyruszyły tego samego dnia i na tych samych warunkach. W samym środku zamieszania Zofia odnalazła swoje przyjaciółki Marię i Anę, również ze wsi Ulucz, i zaczęły trzymać się razem. Podróż rozpoczęła się w wagonach towarowych. Wśród siana na ziemi słychać było tylko płacz i rozpaczliwe krzyki dziewcząt i chłopców, którzy opuścili swoje domy i skierowali się w stronę centrum wojny, nie wiedząc, co ich czeka.

Po postoju grupa została skierowana do pociągu pasażerskiego, w którym mieli kontynuować podróż. Po drodze, gdy pociąg był w ruchu, można było zobaczyć młodych ludzi w rozpaczliwym skaczących przez okna, niezastanawiających się nad konsekwencjami. Długa podróż trwała dalej, przy dżwiękach łez i strachu przed tym, co może się wydarzyć od tego momentu.

Już w Niemczech Polacy zostali zabrani do cęgos, co wyglądało na szpital. Kobiety zostały rozdzielenie i zabrane do dużego pomieszczenia, gdzie zostały zmuszone do rozebrania się. Przeszły przez niemiecką

selekcję pod ogromnym strachem i z wielkim zakłopotaniem. Sprawdzali oni, czy ludzie mają jakąś chorobę, która wygląda na zaraźliwą lub wsty. Potem wszyscy zmierzą się do swojego celu.

Zofia, Maria i Ana pozostały razem. Cała trójka została zaprowadzona do dużej kwatery o drewnianych ścianach, w którym było kilka łóżek i tylko kobiety. Tam spotkali Olę, która również była koleżanką z Polski. Każda otrzymała koc. Obok kwatery znajdowało się więzienie dla deserterów niemieckich.

W następnych dniach zostały zabrane do pracy. Pod eskortą niemieckich żołnierzy trzy przyjaciółki rozpoczęły rutynową wędrówkę pieszą, aż dotarły do dużego przejazdu kolejowego, gdzie obserwowały intensywny ruch pociągów, zwracając uwagę na wyraziste ładunki wina.

Zofia, Maria, Ana i Olga dostaly szmaty i rozpuszczalniki i miały spędzić dzień na czyszczeniu kolejnych pociągów. Od czasu do czasu powinny też rozbijać kamienie i wkładać je pod szyny. Kiedy kończyły pracę, całkowicie brudne, z dłońmi zniszczonymi rozpuszczalnikiem i wyczerpane, zostały zabierane z powrotem do kwater, gdzie dostawały jedzenie, myły się i odpoczywały, aby następnego dnia wznowić pracę.

W grupie, która dzieliła kwatery były dwie Żydówki, które z pomocą współlokatorów próbowały uchodzić za Polki, aby nie zostały wyniesione do obozu koncentracyjnego, cierpiąc te same tortury, co ich ludność. Pewnego dnia jednak do kwater przyszli niemieccy żołnierze i zaczęli zadawać grupie liczne pytania. Dowiedziawszy się, że tylko one dwie znały niemiecki, żołnierze wywnioskowali, że są Żydówkami. Dziewczyny zostały zabrane i nigdy więcej ich nie widziano.

Rutyna na torach, bez przerwy przez cały tydzień, trwała przez długi czas. Pewnego dnia żołnierze wybrali Zofię i Marię i powiedzieli im, że od tego momentu zmieniają role: będą pomagać w sprzątaniu biura dowodzenia siecią kolejową. Chociaż praca była również męcząca, wymagała mniejszego wysiłku fizycznego w porównaniu do tego, co robiły do tej pory.

Pewnego razu Zofia sprzątała pomieszczenie, w którym przebywał mężczyzna odpowiedzialny za kolej. Gdy ten wstał, aby odebrać telefon, Zofia skorzystała z okazji, by przesunąć krzesło, pozamiatać i powycierać pod biurkiem. Niemiec odłożył słuchawkę i poszedł usiąść, nie zauważając, że krzesło zostało przesunięte. Upadł na ziemię. Rozwróciły się na Zofię. Dziewczyna bała się o swoje życie. Agresja była jednak ograniczona do sfery psychologicznej, czyli krzyków. Następnego dnia kontynuowała ona sprzątanie biura.

Mimo całej niemieckiej kontroli kobietom pozwalano na wymianę listów z rodzinami. To z listów wymienianych z matką Zofia dowiedziała się, że sytuacja w Uluczu jest napięta. W chaosie II wojny światowej Polacy zintensyfikowali także ataki na wioskę, z zamarem, aby w miejscowości zwanej wówczas „Małopolską” zamieszkiali Polacy, a przebywająca tam ludność z innych grup etnicznych wyemigrowała do innych regionów Polski lub z dala od kraju, nie pozwalając już na koncentracje grup etnicznych.

W miarę postępu wojny i przyłączania się Stanów Zjednoczonych do konfliktu, Niemcy zaczęły być bombardowane. Po wykryciu pobliskiego samolotu dało się słyszeć syrenę ostrzegawczą i wszyscy powinni biec do najbliższego bunkra. W przypadku dziewczyn, do schronu trzeba było przejść przez linię kolejową.

Ucieczka, aby się chronić wywoływała zamieszków i tłumy. Bombardowanie często nie dochodziło do skutku i wkrótce potem wszystko wracało do normy. Pewnego popołudnia zabrzmiał alarm i zaczął się bieg.

Maria jednak nie chciała schronić się w bunkrze. Powiedziała Zofii, że nie będzie żadnych bombardowań i nie może już dłużej znieść tego pośpiechu. Zofia nie chciała zostawiać koleżanki samej i postanowiła również zostać. Maria zawsze, gdy się zbyt denerwowała, mdlała.

Poszły do kwater, ale kilka minut później zaczęły słyszeć spadające bomby. Bez ochrony widziały i słyszały uderzenia w pobliskie budynki. Wystraszone i narażone na niebezpieczeństwo postanowiły opuścić kwatery i pobić do schronu, wśród bombardowań. Strach tego dnia był przerażający, ale udało im się bezpiecznie dotrzeć do podziemnego schronu. Zofia często musiała ciągnąć Marię, która była bliska omdleniu. Po zakończeniu bombardowania wróciły do kwater i stwierdziły, że ta nigdy nie została trafiona.

Postęp wojsk alianckich miał również wpływ na strategię niemiecką. Z tego powodu Niemcy usunęli imigrantów pracujących przymusowo z regionów przygranicznych. W czasie II wojny światowej Zofia i jej przyjacielki często pakowały walizki i jeździły do innych miast, zmieniając swoje aktywności. Przed opuszczeniem regionów, w których były, organizowano grupy żadaniowe, w których obecni byli imigranci różnych narodowości, którzy kopiąc i robiąc rowy pod budowę okopów, próbowali powstrzymać natarcie sojuszników drogą lądową.

W Augsburgu Zofia i Maria zostały zabrane do pracy w fabryce ziemniaków. Praca polegała na umieszczaniu ziemniaków w maszynie, gdzie były obierane. Następnie środek należało oczyścić ręcznie, przed umieszczeniem go w maszynie do cięcia. Ziemniaki były jeszcze wstępnie pieczone przed zapakowaniem. W tym czasie kwatera znajdowała się na najwyższym piętrze fabryki marmolady, niedaleko miejsca, w którym pracowały wcześniej.

Chociaż czujność żołnierzy niemieckich pozostała niezmieniona i nie było jednoznacznego wiadomości o konflikcie, to po miejscowym ruchu oraz ciągłej migracji i odwrocie w obrębie Niemiec można było zauważyc, że armia Hitlera traciła na sile. Bombardowania również stały się bardziej intensywne.

W ostatnim bombardowaniu, jakie pamięta Zofia, z kwater słyszać było wybuchający w Niemczech chaos i bomby niszczące główne budynki w kraju. Wraz z zawieszeniem broni doszło do wielu zniszczeń. Jedna z bomb trafiła sieć kanalizacyjną obok fabryki marmolady. Przez to na miejscu fabryki i kwater pozostał tylko wrak. Ubrania, dokumenty, listy wymieniane z matką... Wszystko przepadło.

Wraz ze zwycięstwem aliantów zakończyła się II wojna światowa. Jeńcy wojenni zaczeli świętować wolność. W krótkim czasie ulice zajęli Polacy, Włosi, Japończycy, jednym słowem ludzie najróżniejszych grup etnicznych, ujarzmionych przez wojska hitlerowskie.

Radość z wolności szybko jednak przekształciła się w nową falę lęku. Przestrzenie miejskie stały się ziemią niczymą i sceną dzikości. Byli więźniowie zaczeli walczyć między sobą, robiąc z ulic sceny z horroru. Mężczyźni mówiący najróżniejszymi językami zaczeli prześladować kobiety, które nie miały już własnego domu i nie miały dokąd pójść. Każdy martwił się o siebie.

Zofia i Maria uciekły do wiejskich regionów Niemiec, gdzie dotarły do pewnej posiadłości i poprosiły o schronienie i ochronę. Zostały przyjęte przez niemiecką rodzinę i pozostały tam, aż Amerykanie zaczeli kontrolować sytuację, biorąc pod uwagę panujący chaos. Opuściły posiadłość i udali się do kontyngentu w

*Landstuhl, dopiero wtedy, gdy Amerykanie przejęli kontrolę nad sytuacją i zaczęli pomagać imigrantom w opuszczeniu Niemiec. W kontyngencie, czując się już bezpieczniej, otrzymały ubrania i koce i zabrano je do kwater dla kobiet. Zgodnie z surowymi zasadami mężczyzn nie mieli już mieszkać się z kobietami.*

*W obliczu zagłębiu w całej Europie powroty do domu nie były natychmiastowe. Komunikacja była trudna, a wiele krajów zostało częściowo zniszczonych, doświadczając konfliktów wewnętrznych, a czasami nawet brakowało żywności dla ludności. Dzięki temu wiele osób nie miało dokąd wrócić. Z drugiej strony mapowano kraje, które zgodziły się przyjmować imigrantów.*

*W kontyngentach w Landstuhl, w większości zajętych przez Polaków, na dziedzińcu namalowano białego orła z rozpostartymi skrzydłami, symbol Polski. To tam Zofia poznala Stephana, a Maria została przedstawiona Adamowi. W krótkim czasie zaczęli się spotykać. Stephan i Adam byli Polakami i podobnie jak one zostali zabrani z domu przez Niemców i zabrani do pracy w kopalniach węgla na granicy francuskiej.*

*Kilka par powstały w Niemczech postanowiło zarejestrować oficjalnie związki, aby wyjechać z kraju, ponieważ wiedzieli, że gdy się rozstaną, mogliby się już nigdy nie spotkać. Co wiecej, gdy podejmowano decyzje o emigracji do innego kraju, często pierwszeństwo miały małżeństwa z dziećmi.*

*Zofia i Stephan oraz Maria i Adam wkrótce postanowili wziąć ślub. Ślub odbył się tego samego dnia i był udzielony przez polskiego księdza, który udał się do Landstuhlu. Zofia przyjęła nazwisko i zaczęła nazywać się Zofia Brzegowy. Pomimo ślubu, zarówno cywilnego, jak i religijnego, kobiety pozostały w kwaterach kobieczych, a mężczyźni w kwaterach męskich. Nie mogli mieszkać razem.*

*Niedługo później Zofia była w ciąży. Z prześcieradłem robiono pieluchy i majtki. Stephanowi, który zaczął zarabiać niewielką pensję za pomoc w kuchni, w której przygotowywano posiłki żbiorowe, udało się kupić kilka sztuk ciuszków i wózka. Maria (imię nadane na cześć matki i przyjaciółki) urodziła się we wrześniu 1948 roku, jeszcze w Niemczech.*

*Ci, którzy chcieli wrócić do domu, próbowali skontaktować się z rodziną. Zofia napisała list do matki i czekała na odpowiedź, aby wrócić do Polski. List zwrotny szedł powoli i nie był zachęcający. Matka mówiła o masakrze polskiego rządu w Uluczu. Majątek rodziny spłonął, a ona i jej córka Stefania nie miały już nawet domu. Zostały zabrane przez polski rząd do miasta na południu Polski, ale bez żadnego zabezpieczenia i oczekiwania, co się z nimi stanie. Dlatego poleciła ona córce, aby poszukała innego kraju, w którym chaos był mniejszy. Zasugerowała, żeby ta wyjechała do Stanów Zjednoczonych, gdzie kilka lat temu przeprowadziła się ciotka Catarina.*

*Para przyjaciół, Maria i Adam postanowiła wyjechać do Brazylii, opuszczając Niemcy rok przed Zofią i Stephanem. Olga wyjechała do Stanów Zjednoczonych, a Ana wróciła do Polski. Więc oni zdecydowali się też na wyjazd do Stanów Zjednoczonych, jak sugerowała matka Zofii. Jednak aby wydać wiżę, rząd USA wymagał więzi z kimś, kto już tam mieszkał i zgodził się przyjąć rodzinę, dopóki nie znajdą pracy i warunków do utrzymania się. Zofia wskazała ciotkę Catarinę. Odpowiedź na prośbę pary w związku z imigracją do Stanów Zjednoczonych przyszła później, i była negatywna. Ciotka nie zgodziła się ich przyjąć.*

*Wciąż przeżywając dylemat, dokąd się udać i widząc całą Europę w kryzysie, to właśnie Stephan zaproponował wyjazd do Brazylii. Komentarze w grupie Polaków dotyczące Brazylii nie były najbardziej*

zachęcające. Mówili, że w Brazylii jest wiele węży i zwierząt, które wchodzą do ludzkich stóp. Stephan miał jednak bardziej przekonujący argument: „tam przynajmniej będą daleko od wojen”.

Zofia i Stephan, oboje w wieku 24 lat, oraz Maria, mająca zaledwie rok i trzy miesiące, weszli w grudniu 1948 roku na statek *Charlton Sovereign*, płynący do Brazylii. Statek był stary i niepewny. Na statku rozdzielono mężczyzn i kobiety. Było mało wody, a jedzenie było niewystarczające dla wszystkich pasażerów. W pobliżu Portugalii statek zaczął się przekształcać, wywołując strach i przerażenie, że podróż zakończy się na otwartym morzu. Kapitan poprosił całą załogę, aby przeszła na drugą stronę statku, próbując go w ten sposób „wyprostować”. I udało mu się przywrócić statek do właściwej pozycji i kontynuowali długą i mękającą podróż.

Zejście z pokładu miało miejsce w Ilha das Flores, w zatoce Guanabara, w Rio de Janeiro, gdzie rodzina przebywała przez trzy miesiące. W tych kwaterach mężczyźni i kobiety pozostawali rozdzieleni. Wszystko było niepewne. Kąpiele, w tym dziewczęka, odbywały się w morzu. To dzięki niezliczonym wiadomościom pozostawionym przez imigrantów na ścianach Zofia odkryła, że jej przyjaciele Maria i Adam przybyli tam około roku wcześniej i pojechali do Rio Grande do Sul.

Stephanowi zaproponowano możliwość wyjazdu do São Paulo, Rio de Janeiro lub stanu Paraná. Rodzina wybrała stan Paraná, że względu na chłodniejszy klimat, przywołując europejskie wspomnienia. W Paranie mogli wybrać się do Kurtyby lub Ponta Grossa. Zdecydowali się na stolicę stanu, ale w momencie wsiadania dostali troszkę pieniedzy od rządu brazylijskiego i zostali pokierowani do złego pociągu.

Po przybyciu do Ponta Grossa zostali powitani w jeszcze jednej kwaterze, która znajdowała się w dzielnicy Uvaranas. Tym razem Stephan miał szukać pracy i schronienia dla swojej rodziny. Był marzec i było bardzo zimno.

Nie mając pojęcia o przestrzeni geograficznej i wciąż nie wiedząc, z czym pracować, Stephan dryfował, szukając czegokolwiek, co mógłby mu zapewnić pieniądze. Język był również dużą barierą, ponieważ nie byli w stanie porozumieć się z miejscową ludnością.

Po godzinach marszu Stephan zauważał mężczyznę wiszącego na drabinie, malującego salę gimnastyczną. Dobrze przetarł oczy, spojrzał ponownie i zbliżył się. Potem krzyknął.

Był to João Mej, znajomy Polak, który przybył do Ponta Grossa jakiś czas wcześniej i już pracował. Przyjaciel przyjął go z radością i zabrał do garncarni, znajdującej się w obecnej dzielnicy Jardim América, w Ponta Grossa. Dzięki Mejowi Stephan dostał pracę. Żona właściciela garncarni zachorowała i Zofia zaczęła pracować w jej domu z małą Marią.

Firma budowała mini domy (małe domki z sypialnią i kuchnią) dla robotników-imigrantów, którzy przybywali i nie mieli, gdzie mieszkać. Oni też dostaliby swój mini dom, ale dopóki go nie zbudowali, musieli dzielić mały domek z Mejem i jego żoną Aną.

Spośród opowiadanych historii o Brazylii to, co początkowo najbardziej przerażało Zofię, to owady. Do ich domu wdzierały się chmury komarów. Mała Maria miała całe ciało pogryzione i złapała larwę muchy na ramieniu. Alternatywą było spalenie ubrań w desperackiej próbie powstrzymania plagi. Aby usunąć larwę,

Mej i Ana doradzili, aby położyć na skórę wędzony boczek. Maria została kilka dni z boczkiem na ręku, aż pojawiła się larwa i udało im się ją wyciągnąć.

Dostęp do wody był przez odległy wodopój. Zofia nosiła Marię w jednej ręce, a wiadro w drugiej. Kiedyś, gdy dotarła do wodopoju, natknęła się na dwa węże. Spotkała już jaszczurki, ale wąż po raz pierwszy.

Kolejnym problemem był zakup artykułów spożywczych. Wciąż nie mówiąc po portugalsku, istniała duża bariera komunikacyjna. Na szczęście w garnkarni pracowało też starsze małżeństwo z Brazylii, które mówiło po polsku i im pomagało. Zakupy dokonywano w magazynach krawnych właścicieli ceramiki. Jedzenie gotowano na prowizorycznym piecu na drewno. Stephan przynosił żar z garnkarni, aby rozpalić ogień.

Stephan jako pierwszy nauczył się portugalskich słów, kontaktując się codziennie z innymi ludźmi, którzy pracowali w garnkarni. Jakiś czas po tym, jak już wprowadził się do swojego mini domu, usłyszał, że burmistrz João Vargas de Oliveira ofiarowuje ziemię imigrantom, aby mogli budować swoje domy. Pojechał z Zofią porozmawiać z burmistrzem i zdobyli ziemię w Vila Burrinho, na obszarze wciąż zarośniętym i słabo zaludnionym.

Ponownie, z pomocą brazylijskich przyjaciół, zaczęli kupować drewno na rozpoczęcie pracy. Wkrótce przenieśli się do nowego domu, wciąż małego i słabo skonstruowanego, ale już na własnej ziemi. Tam urodziła się druga córka pary, Vanda.

Zmęczony pracą w garncarstwie Stephan postanowił zrezygnować, gdy tylko dostał pracę w kamieniołomie. Umieszczał w nim materiały wybuchowe, które były aktywowane przez innych robotników, a następnie zbierał połamane kamienie jeden po drugim, te w regularnym kształcie, do wykorzystania na chodnikach.

Wynagrodzenie zależało od ilości rozbitych kamieni. Dlatego Zofia zostawała w domu siedmioletnią Marię i trzyletnią Vandę, by pomagać Stephanowi rozbijać kamienie. Z domu rodzinnego można było zobaczyć kamieniołom.

Kiedyś jednak kolega miał podłożyć materiały wybuchowe, ale poprosił Stephana, aby ten zrobił to zaniego. Zanim polski emigrant opuścił miejsce, krzyknęli „ogień” i detonowali ładunki wybuchowe. Stephan nie miał czasu na ucieczkę.

Zofia, która właśnie dowiedziała się, że znów była w ciąży, owdowiała. Wciąż nie mówiąc po portugalsku, mając dwójkę małych dzieci i będąc w ciąży z trzecim dzieckiem, musiała szukać pracy, aby utrzymać rodzinę i wychować dzieci. Dziecko było chłopcem i zostało nazwane Stephan po ojcu. Początkowo Zofia pracowała jako robotnik dzienny w domu właścicieli kamieniołomu, gdzie przebywała do 1961 r. Następnie dostała pracę w rzeźni, gdzie pracowała do emerytur w 1985 r.

Zofia ma teraz 97 lat i nadal dobrze pamięta szczegóły swojej historii. Mimo trudności, jakie ja spotykały przez całe życie, nigdy się nie poddała i jest dla całej rodziny symbolem siły, odporności i odwagi.

# FOTOS

Zofia Brzegowy



foto: Andreza Krulk Freitas

De Ulucz, na Polônia, onde Zofia passou a infância e adolescência, só restou a antiga igreja (1). Ataques da Alemanha, Rússia e a da própria Polônia, devastaram o pequeno vilarejo. Aos 17 anos ela é convocada pela Alemanha a deixar a casa e família em Ulucz para servir o governo alemão, assim como muitas outras jovens (foto 2) levadas a alojamentos improvisados (foto 3). Ao final da II Guerra, poloneses pintaram a águia, símbolo da Polônia, no pátio do quartel onde ficaram alojados (foto 4). Um fotógrafo polonês registrou o cotidiano dos poloneses na Alemanha no pós-guerra durante o longo período que ainda levaram para deixar o país, como Zofia e as amigas revendo as linhas férreas onde, os reencontros de amigos poloneses e mutirões de trabalho (fotos 5, 6, 7 e 8), além do intenso labor nas cozinhas para alimentar todos os estrangeiros que ali estavam (foto 9). Zofia e Sthefan se conhecem nesse período e se casam no mesmo dia que os amigos Maria e Adam (fotos 10 e 11). Na foto 12 os três filhos de Zofia e Sthefan: Maria (que nasceu na Alemanha), Vanda e Sthefan. Depois da morte do marido, num acidente de trabalho, Zofia consegue trabalho num frigorífico (foto 13), onde se reveza no corte de carnes e plantio de pimentões (foto 14) e permanece até se aposentar.





4



5



6



7



8





12



13



14